

A ESPESSURA DA VIDA

THE THICKNESS OF LIFE

Fernando Freitas Fuão¹

Resumo

O artigo aborda a questão da representação da Terra desde o ponto de vista da geografia e da construção do imaginário sobre a profundidade dos oceanos, e a faixa dimensional em altura onde se dá a existência humana. Como demonstração o artigo toma como exemplificação dessa falsa construção psicanalítica do espaço o fenômeno das enchentes ocorrida no rio Grande do sul, Porto Alegre em 2024.

Palavras-chave: espessura da vida; geografia; representação geográfica; domesticação; Enchentes em Porto Alegre; pele da terra.

Abstract

This article addresses the issue of Earth's representation from the perspective of geography and the construction of the imaginary about the depth of the oceans and the dimensional range of height where human existence occurs. To demonstrate this false psychoanalytic construction of space, the article uses the flooding phenomenon that occurred in Rio Grande do Sul, Porto Alegre, in 2024 as an example.

Keywords: thickness of life; geography; geographical representation; domestication; Floods in Porto Alegre; skin of the earth.

¹ Doutor em Projetos de Arquitetura, Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona (1992) com a tese "Arquitetura como Collage". Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPeL, 1980) e é pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é professor titular na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).



“Aos geógrafos que, desde nossa tenra idade, nos fizeram ver um mundo diferente.”

O suor da terra

Um dos exercícios da imaginação mais difíceis de se fazer hoje em dia é “pensar com a natureza”, deixar-se contaminar por ela, nem que seja para começar a repensar a vida e a falência do que se chamou de civilização. Em outras palavras, mais científicas, trata-se de entrar na área da Geografia, e em uma área nunca batizada que tão bem soube explorar o filósofo Gaston Bachelard, quando se dedicou a analisar a fenomenologia e a psicanálise dos elementos da Terra: a água, a terra, o ar e o fogo, principalmente através da literatura, em seus célebres livros O ar e os sonhos (1990), A terra e os devaneios da vontade (1991) e A água e os sonhos (1988).

Nos últimos tempos, a ciência tem gerado a ilusão de que a Terra é o “planeta água”. Atesta-se erroneamente essa ideia pelo fato de que 70% da superfície terrestre é coberta por água. Porém, nunca os ditos cientistas se referem à profundidade dessa água, permanecendo, assim, em uma visão extremamente superficial.

Assim, esse ensaio ao final tomará o exemplo da enchente em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, ocorrido no mês de maio de 2024, para apresentar uma visão nada comum, em contracorrente de tudo o que se comentou e/ou se analisou sobre o acontecimento; não no sentido de contestar todas as verdades ditas, afirmadas pelos cientistas e pesquisadores, mas no sentido de provocá-los a mergulharem nas

profundezas das águas da imaginação, e de como essa profundidade é transmitida, e de como esses falsos conhecimentos afetam a todos nós com as falsas representações da Terra e da Natureza, permitindo explorá-la ao máximo. E não me refiro à ilusão de profundidade nos oceanos, muitas vezes chamada de “falsa ilusão”, uma percepção visual que faz com que a água pareça mais rasa do que realmente é, devido à refração da luz ao entrar e sair da água.

Começaremos com a instigante pergunta banal: qual é a profundidade dos mares, dos oceanos? Qual é a altura máxima das montanhas? Começemos, então, por essa breve viagem que parte das profundezas dos mares e ascende até onde nosso fôlego consegue aguentar. Quando consideramos que a vida das espécies na Terra acontece num intervalo de 6 km para cima do nível dos oceanos e de 6 km para baixo, começaremos a perceber um terrível equívoco de compreensão da nossa percepção sobre e sob ela. Nossa viagem se reduz a 10 min numa velocidade de 120 km/h.

Quer dizer, em outros dados, que a altura máxima que podemos atingir de uma montanha não passa de 0,884 quilômetros, que é a altura do monte Everest, sendo que suas condições de vida, nessa altura, tornam-se difíceis. O mesmo acontece com a profundidade máxima do oceano, que é de 11 quilômetros e encontra-se na Fossa das Marianas, localizada no Oceano Pacífico. Mais recentemente, foi outorgado tal título ao abismo conhecido como depressão Challenger, localizado também na Fossa das Marianas. O local fica quase 11 quilômetros abaixo das ondas e cerca de dois quilômetros a mais do que a altura do monte Everest, o que faz dele o ponto mais profundo do oceano. É esta miserável profundidade que costumamos referir-nos como abissal, sendo que, para a existência humana sem proteção, sem oxigênio e para essa pressão, bastam alguns metros para não sobrevivermos por instantes.

Então, começamos a perceber que a existência só pode acontecer numa pequena faixa que não passa mesmo de 5–6 km de altura, principalmente acima dos mares. Tal fato ainda nada acrescenta para a mudança de nossa percepção, porém, quando deixamos de olhar a partir de nós, de nossa existência e de todos os seres vivos sob e sobre a Terra, e passamos a fazer um exercício isento da pseudo magnitude humana, e considerar, através da magnitude da esfera Terra, mãe natureza, considerada não somente sobre as coisas sobre ela, mas em todo o seu volume, sua redondeza, por assim dizer, vamos nos dar conta de uma outra realidade.

No caso aqui, para demonstrar a profundidade dos oceanos, tomarei a ilustração abaixo da distância entre a cidade do Rio de Janeiro (Brasil) e a cidade de Dakar (Senegal). Essa distância corresponde a 6.246 km; ou outro exemplo: da cidade do México até seu oposto, Oporto (Portugal), que é de 8.636 km. Observaremos que a profundidade do oceano não passa de um milésimo dessa distância. Um milésimo. Quer saber o que significa um milésimo dessa distância? Imagine que você tem que percorrer 1 km (1000 m), e apenas deu o primeiro grande passo. Aí está seu milésimo de profundidade de existência.

Algo difícil de representar num desenho mediante escala, principalmente quando se trata da disciplina da Geografia, que não vive sem representações. A mesma espessura do traço mais fino que se possa utilizar para representar será a mesma espessura da profundidade. Ou seja: é como não ter linha, algo invisível, algo irrepresentável nos livros e em imagens.

Rio de Janeiro _____ Dakar
México _____ Oporto

Essa profundidade, desde a questão da cientificidade chamada Geografia, é irrepresentável, e é por isso que os livros de Geografia não nos mostram essa vital peculiaridade. Porém, penso que, por trás dessa justificativa da impossibilidade da representação simbólica, como mostra a figura 2, esconde-se a verdade de não representar o ser humano com relação à Terra numa escala atômica; melhor: quase subatômica, praticamente, tal qual uma bactéria para um ser humano.

Então, o que era abissal não passa de uma fina película sobre a Terra, uma película de tão fina água que mais se parece ao suor da Terra sobre sua superfície, sua pele, sua fina estampa. E, se considerarmos a questão das águas potáveis, o drama extrapola. Embora a profundidade máxima dos aquíferos varie significativamente, raramente excedem a 1 km. O Aquífero Guarani, por exemplo, somente chega a 1,8 quilômetros de profundidade em alguns locais. Ou seja, a água abaixo da pele é ainda menor.

O tema adquire significativa profundidade quando colocamos outra variável nessa percepção: o raio e o diâmetro da Terra. Como bem sabemos, o diâmetro é de 12.756 km, embora variável, o que nos leva, por consequência, a concluir que o raio máximo está próximo a 6.000 km, profundidade da superfície até ao centro da Terra. Curiosamente, quase a mesma relação da distância do Rio de Janeiro à Dakar (6.246 km).

Como vemos no desenho abaixo, Figura 3, tomado da Wikipedia, há uma profunda intenção de exagerar a altura dos oceanos para não entendermos a verdadeira profundidade, a verdadeira dimensão da existência na Terra. Essa ardilosa representação faz com que as várias capas da Terra, e principalmente a profundidade dos oceanos, criem essa falsa profundidade desde criança em nossas cabeças, sem questionarmos. Até porque a capacidade de perceber os espaços, profundidade, largura, extensões, é uma construção que começa desde cedo, como demonstrou Piaget (1937), e essa percepção depende da realidade que queiramos passar; falsa ou verdadeira, ela é construída.

Cabe reiterar que, por mais que tentem representar essa espessura, sendo o mais fiel à realidade, não conseguiram representar, ainda mais numa pantalha de um computador. Esse equívoco não é por acaso, é intencional. Ainda que inconscientemente, sob a justificativa de não poder representar a profundidade das águas. Este equívoco tem contribuído inconscientemente para o abuso e contaminação dos mares, rios e de tudo, achando que temos muita água, quando, na realidade, não passa de uma mísera sudorificação, que observamos quando fatiamos a Terra em corte para vê-la. Tudo pode secar rapidamente, ou pouco a pouco.

Figura 2 - Desenho não proporcional da distância entre Rio de Janeiro e Dakar (6.246 Km) e Cidade do México e Oporto (8.636 Km). Fonte: do autor.

Essa água não passa da transpiração da Terra, fina lâmina que proporciona a existência não só humana, mas das milhares e milhares de formas de existência sobre sua pele. Vivemos nessa transpiração. A fragilidade dessa película é quase indizível em palavras ou sons, mas reveladora dessa nossa profundidade existencial, equiparável a todos os seres na Terra. Conjugamos, numa unidade, essa umidade. Alguns poderiam alegar que a dimensão física da Terra, ou a profundidade dos mares, não tem relação com a profundidade divina da vida humana; é certo, porém não há vida, e tampouco dimensão religiosa, que possa superar essa questão da água para sobreviver. E a força de Moisés de abrir oceanos não passa de um conto.

Tudo é raso para a visão externa da Terra, da bola de gude azul. O paradoxo perceptivo-filosófico-geográfico, então, se apresenta: como o que carece de profundidade parece tão absurdamente profundo ou alto.

Na figura 3, embora pretenda ser uma representação simbólica, e por isso devemos admitir várias escalas atuando nessa imagem, tanto da fração da esfera bola, como de suas camadas, aqui facilmente constatável na relação de escala da crosta terrestre (75 km) e a altura do oceano (8 km), e assim com as outras camadas, tudo está falseado propositalmente. Quando se trata de situar-se o ser humano com relação à Terra, ou ao tempo da Terra e de sua presença na Terra numa linha de tempo, representação essa também absolutamente e absurdamente extensa quando se coloca numa linha reta situando e classificando em períodos paleolítico, neolítico, antiguidade, modernidade. Na figura 4, a seguir, um pouco mais realista, ainda que fora de escala, também presente em vários sites de Geografia na internet e retirada da Wikipedia², pode-se observar um pleno esforço de fidelidade. O oceano se apresenta mesmo sem profundidade, apenas colorido, como uma pincelada de azul num quadro, porém, agora são as montanhas que aparecem totalmente fora de escala, destacando-as exageradamente. No caso, elas também deveriam ser representadas em sua altura como uma pincelada. Tudo se parece pintura, pinturas de vida sobre essa esfera. Fina estampa. A ilustração mostra as duas faces da representação: uma em escala, e outra fora de escala, mas nossa atenção sempre se fixará na fora de escala.

A crosta, recorrendo a uma metáfora corporal dos seres, que poderíamos chamar de derme, é a porção superficial da parte sólida do planeta. Curioso que consideramos a esfera Terra o mineral, como algo sem vida, mas a Geografia se trai ao comparar essa camada a uma crosta, palavra esta que tem relação com o orgânico, com os animais. Ela vem do latim científico *Animalia crustácea*, “animais com casca, com crosta”, de CRUSTA, crosta, cortiça, casca dura. Essa crosta possui entre 30 km e 40 km de espessura nas regiões sísmicas estáveis e entre 60 km e 80 km nas cadeias das montanhas mais altas, como o Himalaia e os Andes. Sendo que o raio da esfera mede 6.371 km, então essa crosta, onde estão as placas tectônicas, não passa também de 1 por cento do raio da Terra, como tenta representar a figura 4, como algo como uma pincelada ou película.

² Cito sempre a Wikipédia não por sua confiabilidade científica, mas é o que é mais acessado, praticamente todo mundo assimila principalmente nas escolas.

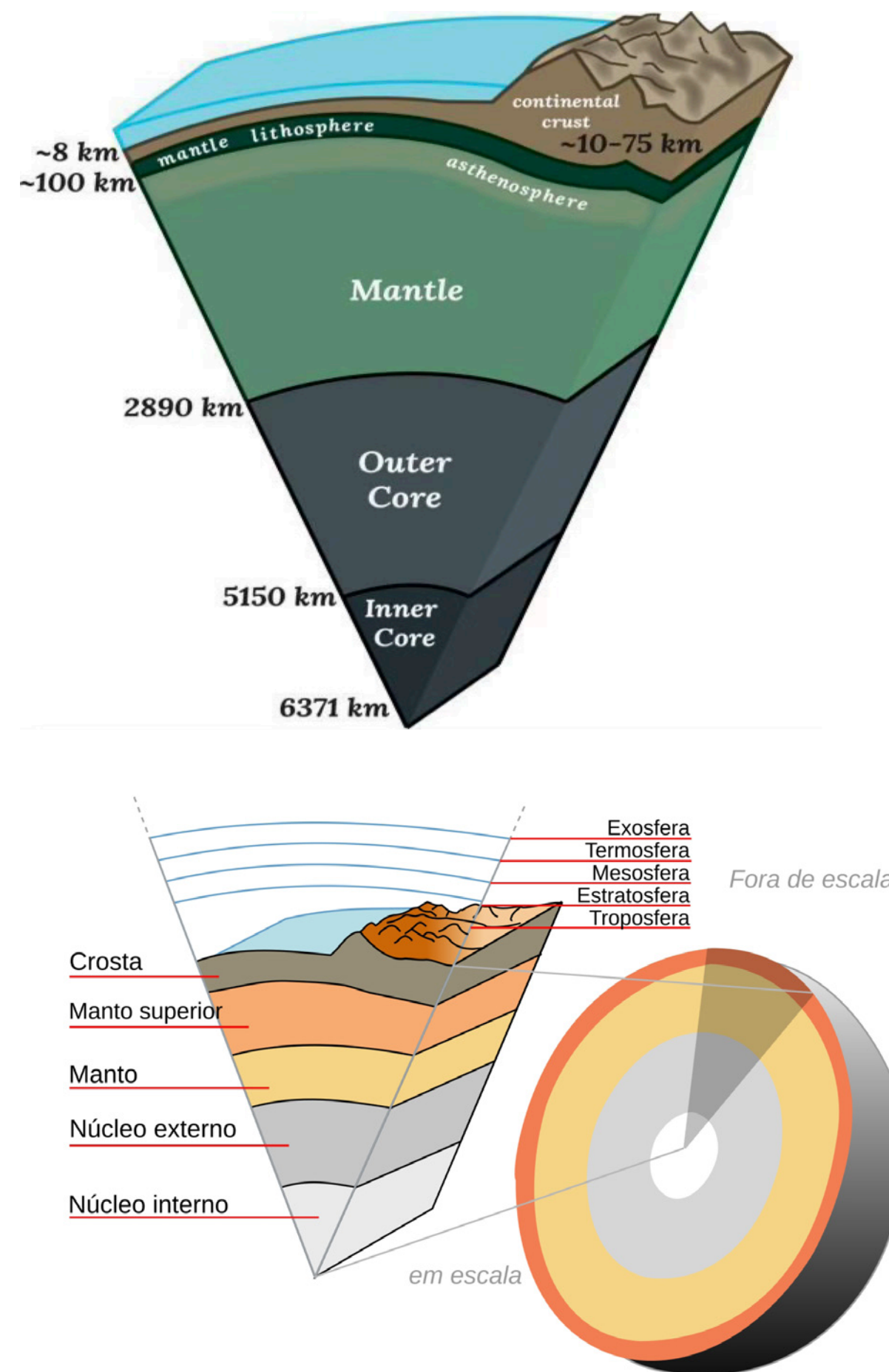


Figura 3 - Corte da Terra, mostrando as respectivas camadas. Fonte da ilustração: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Raio_terrestre#:~:text=\)20%C3%A9%20a%20a%20dist%C3%A2ncia%20do%20centro,raio%20polar%2C%20denotado%20b\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Raio_terrestre#:~:text=)20%C3%A9%20a%20a%20dist%C3%A2ncia%20do%20centro,raio%20polar%2C%20denotado%20b)). Figura 4 - Corte da Terra, mostrando as respectivas camadas. Fonte da ilustração <https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Crusta-terrestre-corte-portugues.svg>



Essas observações sobre a percepção do espaço, da Terra, não são privilégio da Geografia. Tomemos outra área de conhecimento: a Arquitetura. O edifício mais alto do planeta é hoje o Burj Khalifa, localizado em Dubai, com 828 metros de altura, ou seja, 0,8 km, e com 167 andares. Quer dizer quase um décimo da altura da Troposfera (10 km). O arquiteto que projetou o Burj Khalifa é Adrian Smith, que trabalhou com a Skidmore, Owings and Merrill (SOM) até 2006³.

Com a representação da atmosfera ocorre o mesmo comentado anteriormente. E se considerarmos até onde é possível respirarmos, não encontraremos uma representação proporcional, exceto a 1x1. A ilustração abaixo (Figura 6) é totalmente falsa, com o objetivo de demonstrar essas camadas de ar. Se o total da altura é 800 km, 10 km corresponderiam a pouco mais de 1 (um) por cento da altura do desenho. A linha de Kármán, localizada a 100 km de altitude, é frequentemente considerada como a fronteira entre a atmosfera e o espaço exterior. É óbvio que não existe um limite exato entre essas camadas e que as características variam de acordo com a altitude.

A troposfera é a camada mais baixa da atmosfera terrestre, onde ocorrem os fenômenos meteorológicos e onde vivem os seres vivos. Ela se estende desde a superfície da Terra até aproximadamente 12 km de altitude, embora varie de acordo com a latitude, sendo mais espessa nos trópicos e mais fina nos polos. É nesta camada que se encontra a maior parte do vapor d'água da atmosfera, o que a torna responsável pela maioria dos fenômenos climáticos que observamos.

³ Katherine McLaughlin. Burj Khalifa: tudo o que você precisa saber sobre o edifício mais alto do mundo. Em: Casa Vogue. 05/08/2024 08h06 Atualizado há 10 meses. Em: <https://casavogue.globo.com/arquitetura/edificios/noticia/2024/08/burj-khalifa.ghml>

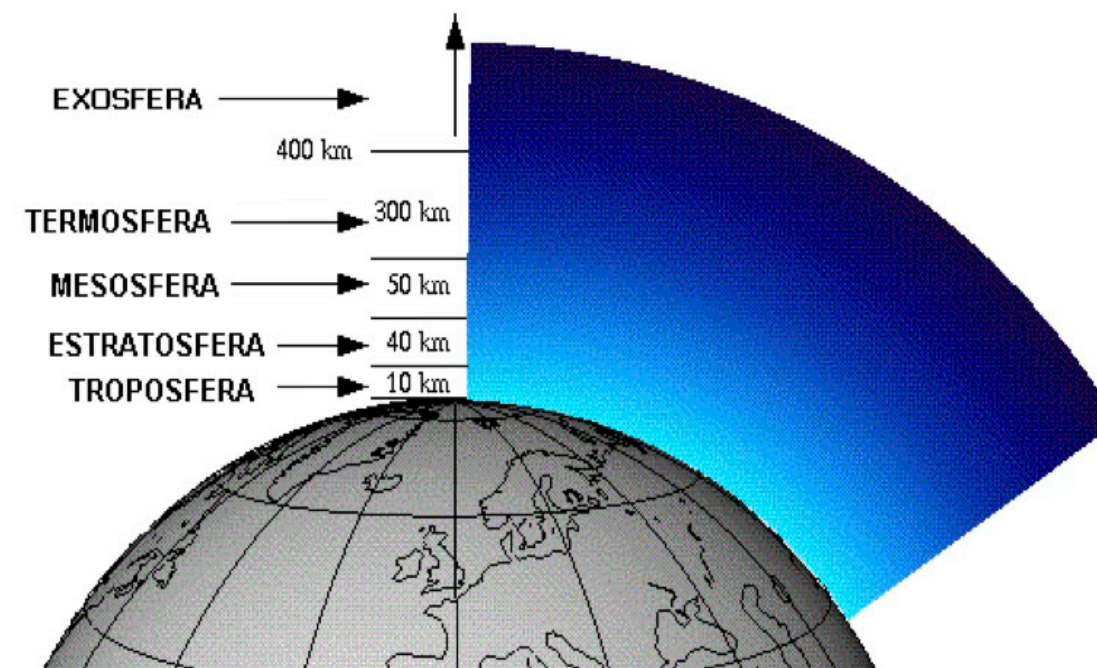


Figura 6 - Camadas da atmosfera. Fonte da ilustração: <https://pt.learnaboutworld.com/article/importancia-de-la-atmosfera-para-los-seres-vivos>

O suor é um mecanismo natural do corpo humano para regular a temperatura, que não permanece limitado à própria superfície da pele. Ele é uma região, uma borda, cujo processo ultrapassa o visível aos olhos, mas pode ser percebido por outros sentidos. O suor, a sudorese, serve aqui tanto para explicar esse processo nos seres humanos como do próprio planeta, regular a temperatura e a água para a existência de vida sobre ela. E há também as montanhas de águas: a Antártica e o Ártico, 'glasificação' da água, guardam as formas de vida mais resistentes, um branco congelante. E, obviamente, o humano está fora dessa lista.

Porém, o que a civilização tem nos forçado a acreditar, e continua fazê-lo sempre, é que a Natureza, o planeta Terra, é um ser desprovido de vida e alma; é uma coisa, é um 'que', e nunca um quem. A Geografia decompôs ela numa série de elementos isolados, mas conectados: montanhas, platôs, planícies, lagos, rios, mares, etc., mas sem conseguir reconhecer que ela é uma entidade única, sem fronteiras, sem delimitações, limitações, linhas. E aí o homem vai traçando linhas em tudo sobre ela.

Tal partição da vida vai parecer sem sentido; tem seus antecedentes nas religiões monoteístas, quando retiraram a alma do mundo, assassinaram os deuses da natureza, os que a guardavam sob o risco de qualquer infração de castigar os homens. O monoteísmo, depois de alguns séculos, conseguiu destronar o politeísmo, os ditos paganismo e animismo em troca de um deus único que nem vive neste mundo. Posteriormente, a ciência dividiu ainda mais a vida em espécies, gêneros, mundo animal, vegetal, mineral e toda sorte de subespécies possíveis, e nesse catálogo das vidas só o humano tem alma. plantas e animais são desprovidos de alma, pedras também não, e planetas muito menos ainda. Essa desalmificação do mundo foi o que permitiu explorá-la, retalhá-la, devorá-la, sugar suas entranhas para o benefício do capital.

Hoje, o que consideramos como artificial, as coisas que fabricamos industrialmente, não conseguimos ver como algo proveniente da ‘carne Terra’, achamos que é algo que é propiciado pelo humano, nascem do nada, quando muito alguns conseguem perceber que se trata da carne Terra que foi transformada. Basta olhar o computador ou celular na sua frente, é algo tão distante de uma associação com a matéria Terra que nem conseguimos ver nem mesmo a propriedade mineral. E o mineral não é animal, mas, curiosamente, costumamos atribuir vida quase própria a um computador.

Por onde vamos, vamos colocando limites, cercas, balizas em tudo, falseando e assim repartindo o mundo com seus elementos para melhor analisar e entender, até mesmo quando os satélites saem dos limites da zona de influência da Terra e do sistema solar, e isso em nada tem nos proporcionado um conforto de estar aqui, ao contrário. Nos limites do fim, as coisas estão num estado que podem ser uma e outra, enfim, todas outras ao mesmo tempo. É ‘isso’, ‘aquilo ali’, ‘aquilo lá’, uma curiosa geografia na qual se perambula e se redescobre incessantemente o paradoxo do início, do meio e do fim na simultaneidade do instante, do fim das linhas e do questionamento da representação.

Em outras palavras, vivemos numa situação “borda”, numa tênue zona intermediária de difícil representação verticalmente, dimensão esta que busca estar mais próxima da pueril dimensão cósmica do ser humano e do universo. Tal dificuldade de representação é análoga na filosofia da representação da existência humana, embora todas as tentativas de representação desde a antiguidade grega. O fato de a filosofia não se utilizar de figuras não quer dizer que ela não crie imagens com suas palavras, sua escrita sobre os homens. E o que nos parece abissal nos oceanos também se torna no humano, e a extrema altura das montanhas, ou dos edifícios, não representam nada. Se pudéssemos agarrar a esfera Terra em nossas mãos, acariciá-la para perceber seu relevo, não perceberíamos nada; nos pareceria lisa, muito lisa, quiçá um pouco úmida.

É claro que a Geografia, enquanto disciplina domesticante e suas representações, estão fortemente implicadas nessa construção de mundo favorável a criar a ilusão do poder humano. Ela é responsável por esse oportuno ocultamento, entendimento propositalmente equivocado. E tampouco se sabe se os geógrafos possuem a real dimensão de seu objeto de estudo e/ou de sua existência, isso porque também foram formatados, formados mediante representações⁴.

Arquitetos e urbanistas também ignoram essas ínfimas dimensões da natureza para nossa existência, e a insignificância de suas arquiteturas, por mais altas que possam ser erigidas nessa fina película, nunca será relevante. Não é à toa a questão da monumentalidade na arquitetura ao longo dos séculos. Ela representa, desde sempre, a tentativa de representar a grandeza do homem, expressão máxima de civilização sobre a natureza. Resulta disso uma forte disjunção psíquica entre a percepção humana desde seu umbigo e a realidade física da Terra. As representações que se propõem realistas criam uma espécie de esquizofrenia porque não se sabem os limites sem limites de uma com a outra, ou mesmo com a realidade.

De fato, aqui estamos colocando sobre crivo as representações que a Geografia tem criado e seu método analítico de partição positivista da Terra, na intenção de melhor entendê-la para dominá-la, domesticá-la. Pode parecer de pouca importância, mas nem mesmo Gaston Bachelard, ao tratar sobre psicanálise dos elementos da Terra, foi capaz de observar tal fato ao analisar a literatura e ao se utilizar de metáforas

para o título de seus capítulos, como: As águas claras; as águas profundas; as águas pesadas; as águas violentas; o metalismo e o mineralismo; os cristais; as metáforas da dureza. Esse trabalho realizado por Bachelard sobre a imaginação da água, da terra e do ar, merece um outro e extenso artigo sobre avaliação de outro ângulo, colocando em crivo a construção dessas imaginações, sobre o crivo da imagem construída. Bachelard não considerou as pré-imagens que levaram esses autores a construir suas imagens e suas poéticas da imaginação; dando como um dado já dado, esquecendo-se de que esses mapas, esquemas e representações, quando são mostrados desde a infância, criam, através dessas representações simbólicas, uma ideia de realidade que não corresponde com a realidade da Terra.

A enchente . Sudoração

Então chegamos à questão da enchente, a inundação, o transbordamento, a sudoração excessiva que ocorre em determinados pontos, em determinadas épocas; suor que não afaga, mas afoga. A enchente que atingiu boa parte das cidades do Rio Grande do Sul, Brasil, fez com que o Lago Guaíba e a Lagoa dos Patos subissem 5 metros acima do nível do mar.

A notícia da enchente ocorreu durante todo o mês de maio de 2024, sendo notícia no mundo inteiro, e suas consequências são sentidas até hoje. O nível do estuário do Guaíba subiu apenas 5 metros acima do nível do mar, mas foi o suficiente para inundar casas e desestruturar a vida de milhares de famílias que viviam próximas ao Guaíba. Se colocarmos a afirmação da profundidade da água com a da terra, pode-se equiparar metaforicamente a um suor. Esse acréscimo é insignificante com relação ao planeta, mas, para nós, seres terrestres, é o suficiente para demonstrar, mais uma vez, nossa pequenez.

Essa tragédia ambiental foi provocada pelos humanos civilizados. Pesquisadores de diversas universidades do Estado do Rio Grande do Sul, e mesmo de fora, afirmaram que essa enchente é consequência do aquecimento global. Não que as enchentes nessa região sejam algo inusitado, elas sempre ocorrem com certa frequência no ciclo das chuvas, entretanto, similar a esta, os pesquisadores recorrem ao exemplo mais próximo e de semelhante altura ocorrido em 1941. Porém, há relatos de várias enchentes relevantes no século XIX, antes mesmo de se falar em aquecimento global. O que ocorre agora é que, devido ao fenômeno do Aquecimento Global e estão mais intensas e quiza possam se tornar mais frequentes⁵.

5 1823: uma enchente destruiu grande parte das plantações da cidade.1833: relatos históricos da época descrevem uma inundação de grandes proporções em setembro, com as águas atingindo a Rua Marechal Floriano.1841: 1ª quinzena de maio, a cidade enfrentaria uma de suas mais graves inundações provocadas pela elevação do Guaíba, cujas águas invadiram o Centro e diversos bairros mais próximos do Lago Guaíba, do sul ao norte da cidade.1847 e 1848: setembro e julho respectivamente, as inundações castigariam a cidade, em 1948, a enchente inundou partes do Caminho Novo (atual Voluntário da Pátria) e a Praça do Mercado.1850: nova enchente no mês de julho danificou a ponte da Azenha. A correnteza bloqueou ainda a recém construída ponte de acesso ao Menino Deus.1873: uma grande enchente voltaria a castigar Porto Alegre devido às intensas precipitações ocorridas no final de setembro e começo de outubro na Bacia do Jacuí. A Rua dos Andradas e o Caminho Novo ficaram debaixo d’água. O serviço de bondes foi interrompido em inúmeros pontos. Foi uma das maiores inundações na capital gaúcha de todo o século XIX com o Guaíba 3,5 metros além da cota.1879: uma cheia afetaria as ilhas do Guaíba.1885: duas enchentes atingiram a cidade, tendo sido considerado um ano muito chuvoso.1897: grande enchente atingiu Porto Alegre durante o inverno. Os bairros Menino Deus, Azenha e Caminho do Meio foram fortemente atingidos. A Ponte das Pedras no caminho da Azenha ruiu com a correnteza.1899: chuva intensa volta a provocar uma cheia na cidade. No mês de outubro, a altura da enchente teria chegado a 2,65 metros além da cota normal do Guaíba.1914: o Guaíba ficou 2,6 metros além da cota normal.1926: cheia de grandes proporções. Algumas ruas do Centro e do Menino Deus ficaram cobertas de água e

4 Fuão, Fernando. A representação de Matias. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/12/a-representacao-de-mathias.html>

Sejam elas cíclicas ou não, devemos levantar uma questão importante, que, num primeiro momento, não implica diretamente sobre o espaço urbano, a cidade e/ou a arquitetura, sobre o tema da permeabilidade do solo ou a ocupação da população mais pobre nas zonas ribeirinhas e zonas que outrora foram várzea. Todos esses dados são relevantes, porém lançamos uma tese mais abrangente, comprometedor e de difícil solução, e não se trata de remoções de bairros e de cidades inteiras que vivem ao longo dos rios do interior do Estado, tampouco da solução de criar cidades temporárias para abrigar essa população desabrigada⁶.

A enchente não representa nem expressa, num primeiro momento, a decantada crise ambiental; o mais significativo que ela expõe é a própria civilização. Vivemos uma crise da civilização que provocou a crise ambiental. Civilização que se julgou superior às leis da natureza, a superioridade humana: a ilusão de sua grandeza, sua falsa imagem ante os inúmeros espelhos por ela criados, construídos durante séculos, principalmente a partir do século XVIII. Temos tratado as catástrofes ambientais como acontecimentos contra a natureza humana, e, quando uma dessas catástrofes acontece, como a referida enchente, soa o alarme de guerra contra as águas. “As águas estão avançando, temos que combatê-las”, expressões como esta e similares ocorreram durante todo o tempo na mídia, independentemente de posição política (esquerda, direita ou centro).

O que essa grande enchente fez foi destruir, desconstruir a ordem hierárquica existente e instalar uma outra ordem, um outro ordenamento, principalmente quando o Estado se mostra incapaz de atuar nos primeiros instantes em que está acontecendo. Essa nova ordem estabelece rapidamente os vínculos de solidariedade, outrora adormecidos, inclusive desarticulando, algumas vezes, boa parte da hierarquia social, como aconteceu de fato com a rede de solidariedade que se criou. A ideia de combate às águas não é somente um combate ao H₂O, mas uma reafirmação do velho combate aos deuses da natureza, à deusa das águas; e, sobretudo, de se instalarem outras possibilidades de novas ordens sociais.

Em *As casas dos três Porquinhos*, escrito há alguns anos antes e só publicado em 2024, há uma passagem que compromete a arquitetura e também os políticos, questionando a lei dos homens frente à lei da natureza.

Que leis são estas que se posicionam quase sempre contra a Natureza, reafirmando o caráter bíblico? Que visa soterrá-la, domá-la para os interesses econômicos dos porcos soberanos? Então, todas estas leis não estariam estabelecidas simultaneamente à ideia da fundação das cidades, do muro, no caso o muro da Mauá, no dique, no marco, da dita civilização, como nos esclareceu Hannah Arendt?

era possível andar de barco. Entre 13 de setembro e 3 de outubro daquele ano choveu 317,7 milímetros em Porto Alegre, observando-se chuva em 16 dias. 1928: uma cheia em setembro fez com que o Guaíba atingisse 3,20 metros além da cota. 1936: uma nova enchente na capital com o Guaíba 3,22 metros além da cota. 1941: a grande enchente do Guaíba que atingiu 4,75 metros além da cota normal. Entre abril e maio deste ano, a chuva atingiu a marca de 791 milímetros em Porto Alegre, o equivalente a metade da média anual da cidade. A grande cheia deixou 70 mil flagelados sem energia elétrica e água potável. O centro da cidade ficou debaixo d’ água e os barcos se tornaram o principal meio de transporte de Porto Alegre em maio daquele ano. 1967: o Guaíba ficou 3,13 metros além da cota. 1983: o Guaíba ficou 2,32 metros acima da cota.

6 Veja-se particularmente sobre esse tema os artigos de Stefani, Jagna. Por que criar uma cidade temporária dentro de uma cidade desabitada? Viomundo, Diário de resistência. 24/05/2024. Em: <https://www.viomundo.com.br/politica/jagna-stefani-por-que-criar-uma-cidade-temporaria-dentro-de-uma-cidade-desabitada.html>. Stefani, Jagna. Nossas casas, nossas vidas. Red. Rede Estação Democrática. Em: <https://red.org.br/noticias/nossas-casas-nossas-vidas/> Fuão, Fernando. Cidades Temporárias. Sul 21. 19 de maio de 2024. Em: <https://sul21.com.br/opinioao/2024/05/cidades-temporarias-por-fernando-freitas-fuao/>

E , a arquitetura a partir do momento que se propõe civilizadora-civilizada já não seria ela mesmo um atentado contra a Natureza? Não estaria nessa archa da arquitetura, da palavra mesmo, a origem e o afastamento, a origem da lei, e da grande disjunção entre Natureza e Civilização. (...) Cidade e civilização: entidade única, a cidade representando civilização e civilidade, civilização plasmada e concretada na arquitetura. Pergunta-se podemos colocar esse modelo de cidade e consequentemente modelo social e econômico que vivemos e saudamos hoje enquanto cultura e modernidade perante a lei, e seus responsáveis pelos crimes e atos cometidos contra a Natureza. Existe essa possibilidade? Existe a possibilidade de colocar a civilização ante uma justiça universal? Uma civilização que deverá se auto condenar e afirmar que seu projeto deu errado.⁷

Podemos colocar os responsáveis, prefeitos, governadores e todos, pelos crimes e atos cometidos para que evitassem a morte de 183 vidas e 27 desaparecidos perante a lei? Até hoje não fizeram nada, tampouco foram responsabilizados.

No dia 3 de maio de 2024, as águas do Guaíba começaram a invadir a cidade de Porto Alegre, atingindo 30% de seu território. 160.000 habitantes foram atingidos, 70 mil empresas, direta ou indiretamente, foram afetadas, e mais de 40 mil edificações. A cota atingiu, como comentamos anteriormente, a altura de 5,35 metros. A enchente de 1941 atingiu a cota de 3,6 metros. O muro de proteção da Av. Mauá possui a altura de 6 metros acima do nível do mar. Várias estradas foram obstaculizadas e impediram o acesso à ajuda; o aeroporto e a rodoviária também foram atingidos pelas águas. Ao final da enchente, foram computadas 183 vidas perdidas e 27 desaparecidos.

Entretanto, já no dia 27 de abril de 2024 a 2 de maio, várias cidades do interior do Rio Grande do Sul já estavam com problemas de enchentes avassaladoras e deslizamentos, devido ao alto grau de precipitação de chuvas, 500 a 700 mm, algo completamente fora da curva, atribuído corretamente à questão do aquecimento global. Todo esse volume de água foi despejado na lagoa. Milhares de animais mortos (vacas, cavalos, cachorros...) boiavam junto às águas. Infelizmente, matéria orgânica para alimentar a lagoa, uma tentativa de reconstruir os fluxos de vida que são violentos. A pergunta é: até quando a natureza terá condições de responder para manter seu equilíbrio frente à devoração humana?

Essa enchente, em suas sub-responsabilidades, se expressa também como crise ambiental, política e dos políticos, a dificuldade em reconhecer e admitir as emergências. Uma crise da defesa civil e, principalmente, militar em caso de catástrofes, estão mais preocupados com política e treinados para dar golpes políticos. Esses são os humanos que se julgam gigantes por seu poder entre os pequenos, e as águas só batem, geralmente, em suas canelas.

Antes de encerrar e concluir gostaria de trazer uma declaração que sintetiza tudo o que foi dito aqui sobre a espessura da vida e, principalmente, das águas. A líder comunitária da Ilha dos Marinheiros, Beatriz Gonçalves Pereira, a Bia da Ilha, é uma voz imprescindível nos debates e reflexões sobre as inundações em Porto Alegre. Moradora da Ilha da Pintada, uma das áreas drasticamente afetadas pela subida das águas do Guaíba em maio do ano passado, participante e uma das criadoras da Romaria das Águas juntamente com o finado Irmão Cechin e sua irmã Matilde, entre outras relevantes militâncias. Bia há vários anos critica o discurso recorrente

7 Fuão, Fernando. As casas dos três porquinhos. Porto Alegre: Amazon. 2024.

de senso comum, população, políticos e administradores, que culpa os moradores do bairro Arquipélago pelas dificuldades e sofrimentos que enfrentam continuamente, decorrentes dessas enchentes por viverem ali, sabendo que é uma área que todos os anos alaga. Bia contesta:

Eu não aceito que digam ‘o que eles estão fazendo lá?’ (...) A gente sempre confiou nas águas. E continuamos confiando. As águas, para nós, não são assassinas. As águas nasceram para matar a nossa sede e para nos dar vida. Entendemos que tudo o que está acontecendo tem a ver com a humanidade, que desrespeitou e continua desrespeitando, desmatando. Uma hora vai se dar a resposta. A mãe natureza é poderosa. A humanidade diante da natureza Tem algo maior que a gente. Nós não somos nada. Somos um grão de areia nessa imensidão de céu, sol, estrela, mar, rios, cachoeiras, matas, pedreiras. Poderíamos utilizar todos esses recursos dados a nós sem ferir, sem agredir. Mas não. O poder econômico é sempre ‘eu quero mais. Mas esse poder não é garantido.’⁸

São esses falsos contornos da representação do poder que devem ser passados em revista, repassados constantemente. Enfim, todas as representações dos mapas e das plantas. Todos os falsos fins e começos. Poder é, sobretudo, representação. E a domesticação da representação geográfica, das cidades e da arquitetura — herança dos primórdios do Humanismo — impregnou nossos olhos e nos cegou às continuidades dos espaços da vida, da natureza. A finalidade da representação é nos iludir quanto à própria falsidade das representações. A finalidade dos mapas não é só colocar os limites, mas nos fazer crer em sua falsa verdade, que as coisas terminam ali, no contorno, na linha.

Foi isso que os mapas fizeram desde nossa tenra infância. De alguma maneira, suprimiram a continuidade da vida, do mundo, segmentando-o em fragmentos políticos, bíblicos, assinalando território, terras, marcando lugares, desenhando, cegando-nos desde a mais tenra idade à possibilidade de perceber o espetáculo da continuidade do mundo. São esses contornos que, de certa forma, delineiam nossas vidas, e agora delineiam as novas fronteiras virtuais com uma precisão cada vez maior. São esses mesmos traços que também determinam as representações arquitetônicas e urbanísticas, estabelecendo novos modelos de traçados de controle.

8 Beatriz Gonçalves Pereira. Bia da Ilha: “eu não aceito que digam ‘o que eles estão fazendo lá?’” Em: Matinal Jornalismo.4 de junho de 2025. Entrevista dada à jornalista Geórgia Santos. Bia da Ilha é umas das entrevistadas do *podcast* “O Fim do Futuro”, uma parceria entre Vós e Matinal, com apoio do Instituto Serrapilheira. Já disponível nas plataformas de áudio, a série com cinco episódios investiga a enchente de 2024 em Porto Alegre — e as marcas profundas que ela deixou na cidade e nas nossas ideias sobre progresso. Sempre aflita com a possibilidade de novas inundações, Bia falou sobre a ocupação desordenada das ilhas, a omissão do poder público, a conexão de moradores antigos com o lugar, a luta histórica de mulheres por condições de vida mais dignas e a enorme fragilidade humana diante de uma natureza cansada de ser castigada. As ilhas eram parques. Quem não cuidou? O poder público! É por isso que não aceito que digam: “o que eles estão fazendo lá?”. Se eram parques, não era para ter tanta gente morando aqui. Tinha que ter contido antes, para não dizer agora que tem muita gente. Se não tem que estar nas ilhas, então compra e dá outro terreno. Simples assim, sabe? Muitas pessoas gostariam de sair daqui. Ligação das pessoas com o lugar Nós somos uma comunidade pesqueira. Assim como tem pessoas que gostariam de sair das ilhas, tem muitas outras que querem morrer aqui. E é direito delas, porque esse lugar é a raiz, é toda uma vida. Em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/matinal/reportagem-matinal/bia-da-ilha-eu-nao-aceito-que-digam-o-que-eles-estao-fazendo-la/>

Na natureza não existem linhas, tudo está atado, uma coisa está amarrada à outra, às vezes sem fio, só no entrelaçamento invisível do desejo. Entretanto, como pensar um espaço terra sem a presença do ar? Como pensar um espaço água sem a presença do ar?

Todo conceito de espaço-tempo ocidental, o humanismo, o materialismo, de certa forma, está comprometido pela falsa borda do eu, um falso discurso, as representações da Geografia afastadas das matérias da terra, do tempo das matérias, da vida em sua extensão. Um conceito absurdo que se tem utilizado para justificar toda geografia, todos os acidentes. A verdade do poder é que o domínio se realiza mediante a imposição dos limites, das cercas, dos decretos, das balizas. Da antiga imprecisão à ultra precisão dos mapas, todas as representações, todas as linhas são atestados do afastamento do homem com a natureza. O conceito de precisão, exatidão, talvez seja o elemento turvador da visão do conhecimento e da experiência do espaço. Porque no espaço tudo é vago, e nem mesmo hoje temos a certeza de sua existência concreta, graças à visão hiper materialista da física quântica.

A interpretação ingênua dos fins, dos contornos, dos limites, das linhas só poderia ter levado ao equívoco de *A origem da geometria*, de Edmund Husserl (2006), que fundamenta toda sua filosofia e proposta da ordem da geometria sobre o homem e seus signos, sobre a linguagem; ou seja: numa dominância sem fundamento, quando se coloca o pensamento e as forças da Natureza como algo superior ao homem (zoé) e de todos os vivos sobre e sob a Terra.

Nossa compreensão do mundo tem se dado a partir do nosso corpo, de nossa geografia, de nossos limites corporais, de nossas extremidades e nossos extremos, nossas pontas. Assim também tratamos de interpretar a natureza, através dos mapas e das pontas geográficas, de seus cabos. Os mapas e a imaginação que nela projetamos são análogos às distâncias que percorremos com nossa imaginação por nossos corpos.

Eis um dos paradoxos do espaço na cultura ocidental. Talvez aí resida o grande equívoco da representação, dos mapas. Talvez tivéssemos que rever os limites e as bordas, não a partir da representação, dos mapas, mas sim do nosso próprio corpo e de sua relação com os acidentes geográficos. Como realizar um mapa, ou uma planta, a não ser do ponto de vista de quem faz? O mapa do outro sempre será um mapa dele mesmo. Toda representação é mapa meu, representação que disponho para os outros como forma de sedução e captura. Esse entendimento da profundidade da vida deveria se constituir fundamento para pensar, construir e viver na Terra; esse é o penar prévio antes de qualquer fundação de um edifício.

Deixa a Terra suar, sinal de que está transpirando, está viva, ainda.

Referências

BACHELARD, Gaston. *El Agua y los sueños*. México: Fondo de Cultura Económica, 1988.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios da Vontade. Ensaio sobre a imaginação das forças*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FUÃO, Fernando. *A representação de Matias*. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2012/12/a-representacao-de-mathias.html>

FUÃO, Fernando. *As casas dos três porquinhos*. Porto Alegre: Amazon, 2024.

FUÃO, Fernando. Cidades Temporárias. *Sul 21*. 19 de maio de 2024. Em: <https://sul21.com.br/opinioao/2024/05/cidades-temporarias-por-fernando-freitas-fuao/>

HUSSERL, Edmund. *A origem da geometria*. Tradução: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. SE&PQ – Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos, 2006.

HUSSERL, E. *A Origem da Geometria*. SE&PQ Sociedade de estudos e pesquisa qualitativos. Northwestern University Press; Evanston; Illinois, 2006.

MCLAUGHLIN, Katherine; KHALIFA, Burj. Tudo o que você precisa saber sobre o edifício mais alto do mundo. Em: *Casa Vogue*. 05/08/2024, 08h06. Atualizado há 10 meses. Em: <https://casavogue.globo.com/arquitetura/edificios/noticia/2024/08/burj-khalifa.ghtml>

NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL. *Implosão acidental gera nova medição para o ponto mais profundo do oceano*. Em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2022/02/implosao-acidental-gera-nova-medicao-para-o-ponto-mais-profundo-do-oceano>

PIAGET, Jean. *La construction du réel chez l'enfant*. 1937.

PEREIRA, Beatriz Gonçalves. Bia da Ilha: “eu não aceito que digam ‘o que eles estão fazendo lá?’ Em: *Matinal Jornalismo*. Entrevista dada à jornalista Geórgia Santos. 4 de junho de 2025.

STEFANI, Jagna. Por que criar uma cidade temporária dentro de uma cidade desabitada? *Viomundo, Diário de resistência*. 24/05/2024. Em: <https://www.viomundo.com.br/politica/jagna-stefani-por-que-criar-uma-cidade-temporaria-dentro-de-uma-cidade-desabitada.html>.

STEFANI, Jagna. Nossas casas, nossas vidas. *Red. Rede Estação Democrática*. Em: <https://red.org.br/noticias/nossas-casas-nossas-vidas/>